

UM DIÁLOGO COM ROGERS E JUNG

Resumo

Neste trabalho visamos desenvolver, através da leitura dialógica, um pensamento integrador entre os saberes em Psicologia, transcendendo as abordagens, procurando um ponto onde elas podem realizar uma dinâmica transdisciplinar na busca de uma totalidade conciliadora integrando correntes opostas.

Palavras chaves : Disciplinas, integrar, sistemas, polaridades, unidimensional.

Introdução

Numa sociedade cada vez mais complexa é necessário pensarmos de maneira mais abrangente. A proposta desta reflexão é demonstrar para profissionais e estudantes de Psicologia que há como realizar uma leitura menos polarizada e unilateral dos fenômenos humanos, sem para isso, deixar de seguir ou acreditar nos pressupostos das abordagens com as quais se identificam. A fim de promover uma relação de solidariedade e conciliação entre as várias visões de mundo promovidos pelas abordagens.

Para isso elencamos autores como Morin (2008) para nos auxiliar a compreender a forma de realizar um pensamento integrativo, uma leitura que facilita a formação de uma síntese que acolha e equilibre forças aparentemente opostas.

Para isto também solicitamos a participação da Abordagem Analítica (JUNG 1984) e da (ACP) Abordagem Centrada na Pessoa (ROGERS 1961) como exemplo para demonstrar nossa forma de compreender o trabalho do profissional Psicólogo onde quer que este esteja inserido, sobretudo na clínica. Elencando como um elemento contribuinte para a elaboração desse pensamento trazemos a Teoria Geral dos Sistemas de BERTALANFFY (1968), biólogo alemão, demonstrando que há um isomorfismo permeando os conhecimentos. Convidando a Psicologia para uma dança interdisciplinar aberta para o desconhecido.

Conexões

Estudando a grande proposta de Morin; qual seja a de realizar uma leitura complexa do mundo, transcendendo as disciplinas, nos arriscando em terrenos

desconhecidos para descobrir novos horizontes nas variadas formas de linguagens, diferentes da nossa, somos desafiados a ampliar nossos olhares.

Sua proposta não é a de realizar uma mistura amorfa de saberes. Mas sobretudo a de provocar um grande diálogo. Realizar uma Inter-Poli-Transdisciplinaridade (MORIN 2008) não é tarefa fácil. Principalmente para quem foi educado em escolas tradicionais, como a maioria das escolas brasileiras, onde o ensino é dado em compartimentos fechados chamados de disciplinas. Essa forma de compactar os conhecimentos, sem que os mesmos se conectem nos leva a uma visão de mundo sedimentada, onde os saberes são agrupados em caixas incomunicáveis. Ex: ciências, artes, espiritualidade ...

Os saberes, sendo colocados em compartimentos incomunicáveis, sem se relacionarem podem provocar até mesmo a fragmentação psíquica (JUNG 1984). O risco de uma unilateralidade na construção dos conhecimentos é que tudo o que não podemos aceitar como “verdade” seja reprimido na sombra psíquica, conceito junguiano, e retorne em forma de sintoma.

A partir da construção de uma ponte conciliadora decidimos elencar duas grandes abordagens em Psicologia para fazer uma demonstração de como podemos ganhar com o diálogo desprendido e desinvestido de posicionamentos polarizados.

Como profissionais capacitados para trabalhar na escuta dos mais variados discursos, consideramos vantajoso realizar uma reforma em nossos pensamentos compartimentados, elaborando pontes onde possam trafegar livres os saberes diversos, sem contudo perder a noção da coerência e da estética.

Trazemos também, para nossa conversa a Teoria Geral dos Sistemas (BERTALANFFLY 1968), em que este apresenta sua ideia do isomorfismo entre as ciências, entendendo que as mesmas podem se aproximar e preencher espaços vazios entre elas. Um sistema jamais será compreendido pela análise de cada uma de suas partes. Existe uma dependência recíproca entre as disciplinas e há uma grande necessidade de diálogo para estabelecer uma grande compreensão.

A Psicologia não pode correr o risco de fazer uma leitura fragmentada do homem. Justamente por saber que a psique é terreno desconhecido e em constantes transformações. Nenhuma abordagem pode querer ter o direito de dizer tudo sobre a psicologia humana. Ampliando o olhar além dos próprios pressupostos tem de ser capaz de reconhecer seus limites para o benefício dos que ocorrem a sua procura com suas demandas de sofrimento.

Numa sociedade pós-moderna, onde o sofrimento ganha contornos de desamparo, é necessário refletir nas contribuições de um pensamento integrador, conciliador, dialógico. Transcender nossas visões de mundo e de homem nos engrandece, trazendo novos sentidos para enriquecer o fenômeno misterioso da vida.

Para dar uma ilustração do funcionamento do modo de pensar, na Psicologia, na forma de dialógica, iremos convidar dois gigantes dessa ciência para demonstrar que não há uma separação invencível entre seus pensamentos. Há sim um ponto de convergência entre a Abordagem Junguiana e a Rogeriana, formando um ponto isomórfico onde essas abordagens podem se encontrar.

Carl Rogers, teórico da ACP Abordagem Centrada na Pessoa, construiu seu edifício teórico a partir da constatação da tendência formativa do universo. Seria essa tendência uma força que se encontra em todos os seres vivos e que os impulsionam para o crescimento, mesmo em condições difíceis, as mais adversas. Ele ampliou esse conceito para tendência atualizante, onde esse termo lhe pareceu mais adequado, indicando um princípio que transcende os seres (ABRANCHES 1994).

Esse conceito de Rogers pode ser comparado, não igualado, a outro conceito de Carl Gustav Jung; a função transcendente.

Essa função é o resultado entre as trocas do inconsciente com o consciente. Esse processo ocorre quando o ser consegue integrar os vários aspectos de si mesmo em um centro ou Self, podendo dessa forma atingir suas potencialidades, acolhendo e integrando seus aspectos pluridimensionais (JUNG 1984).

A ACP propõe ao ser um retorno a si mesmo para vivenciar a congruência na busca da totalidade; um movimento para tornar-se (ROGERS 1961). Acolhendo, considerando todos os sentimentos que nascem dentro de si, proporcionando uma capacidade cada vez maior de diálogo interno, possibilitando a pessoa a ter coragem suficiente de ser ela mesma e dar sentido á sua história, atualizando-se.

A função transcendente tem como principal objetivo fazer viável o processo de individuação do ser. Surge para dar sentido à existência, reunindo os elos partidos pela vivência exclusiva de uma interpretação unidimensional da vida (JUNG 1984). Abre espaço para a dimensão mítica, poética e espiritual que fazem parte da psique humana.

Poderíamos incluir outros teóricos nessa dança integradora, porém, tornaríamos esse trabalho demasiado estendido para nossos objetivos atuais. Contudo fazemos um convite aos estudantes e profissionais da Psicologia para

que possam realizar esse exercício de troca e experimente compreender outras dinâmicas de pensamentos que se tocam e podem formar um grande diálogo.

Considerações finais

Não sei quantas almas tenho. Cada momento mudei. Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei. De tanto ser, só tenho alma. Quem tem alma não tem calma. Fernando Pessoa

Sempre pensamos que psicólogos devem ser inconformados, inventivos, criativos. Por isso necessitamos de vencer limitações através da tessitura de novas maneiras de construção do conhecimento sobre o homem individual e coletivo.

Referencias bibliográficas

BERTALANFFLY, Ludwig; Teoria Geral dos Sistemas, 1968.

JUNG, Carl Gustav; A Natureza da Psique, editora Vozes, Petrópolis 1984.

MORIN, Edgar; Cabeça Bem Feita, 2008.

ROGERS, Carl; Ser uma Pessoa, 1961.